

Autor: Gonçalo Ferreira da Silva

AS BRAVURAS DE JUSTINO PELO AMOR DE TEREZINHA



Autor: Gonçalo Ferreira da Silva

As Bravuras de Justino
Pelo Amor de Terezinha

Caminhando descuidado
no mundo da ficção
um personagem cruzou
a minha imaginação
e contou ao meu ouvido
a seguinte narração.

“Existiu na Parafba
no próximo século passado
um homem muito pacato
que vivia amedrontado
com o grande cangaceirismo
reinante naquele Estado.

Pois a Parafba fra
celeiro de malleitores
vivendo à margem da lei
cruels e salteadores
bandidos inveterados
s a praticar horrores.

Horácio era dotado
duma f inabalável,
dum espírito edificante,
personalidade amável,
conduta irrepreensível
e de caráter louvável.

Com um filho e a esposa
Justino e dona Celina
levava a vida de pária
numa casa pequenina
pobre materialmente
mas rica de luz divina.

Naquele sertão inculto
constantemente assolado
pelas mais tremendas secas,
pelo mais cruento fado,
pelo destino adverso,
para a pobreza marcado...

Vendia couro de tejo,
raposa e camalião;
com o dinheiro apurado
comprava milho e feijão,
gêneros imprescindíveis
para a alimentação.

Seu cão era a salvação
para tanto sofrimento,
para mitigar a fome,
para o atendimento
da tristeza da família
no profundo isolamento.

Pelas circunvizinhanças porém um pouco afastado do centro de Guarabira havia um homem abastado dono de grande fazenda e extremamente malvado.

A família de Horácio estava tranquilamente almoçando certo dia quando repentinamente recebeu uma visita despropositadamente.

— Olá, caro Valadares disse Horácio jubiloso; quais as novas que nos conta? ele respondeu, nervoso: — Estou farto de viver com aquele criminoso

De fato tinha fugido muitos dos auxiliares com medo da atra morte acorreram a outros lares para tentar melhor sorte, inclusive Valadares.

Disse Valadares que mesmo homem do cangaço nunca ousou entrar na zona de eficácia do braço portentoso de Bezerra para não virar bagaço.

Justino que ouvia tudo disse: --- Papai, isto dói no fundo da minha alma e que esse homem destrói eu quero ter o prazer de conhecer esse herói.

Respondeu Horácio Rvido: — Então queres morrer cedo Retrucou Justino sério: — Vou lhe falar sem segredo: nunca assumi compromisso com a covardia ou com o medo.

Pediu a bênção dos pais depois seguiu confiante quando chegou em Belém um povoado distante já havia elaborado um plano muito importante.

O de comprar uma corda nesse último povoado quando encontra-se um cavalo pastando desocupado apanhá-lo em pleno campo para seguir sem enfado.

Os caminhos que seguia e os que via em sua frente todos tortos à feição de cobras na terra quente já a noite e o cansaço chegavam implacavelmente.

Recomeçou a viagem no outro dia bem cedo durante a noite dormiu naquele santo arvoredor sem lhe aparecer nada que causasse susto ou medo.

Atravessou várias matas de temperaturas frias quando havia exaurido todas as suas energias ouviu relinchar cavalos por aquelas cercanias.

E levou um belo poltro
sem no entanto atentar
que já estava ferrado
e lhe podia complicar
jogou o cabresto e disse:
— Assim posso viajar.

No pino do meio dia
estava ele descansando;
o cavalo estava em "osso"
saindo por ali pastando
quando de súbito avistou
um homem se aproximando.

Chamava-se Amaral
falava pausadamente
com um enorme cigarro
de palha seguro ao dente
emprestava-lhe o aspecto
de homem sério e valente.

Travaram ali um diálogo
de palavras veementes,
quando Amaral fez questão
de dizer que os precedentes
que haviam ido a fazenda
morreram como inocentes.

Então retrucou Justino:

--- Já me basta o tempo gasto;
esta pradaria é grande
este campo é muito vasto
portanto vá amarrar
seu cavalo noutra pasto.

Coincidia que Amaral
era um vaqueiro estimado
do valente coronel
que estava autorizado
a procurar animais
ausentes do seu cercado.

Mas Justino enquanto isto
(muito calmo por sinal)
cortava, da Paraíba
o seu planalto central
sem ligar o ferro "B"
no pescoço do animal.

Adiante chegou num córrego
d'água pura e cristalina
quando, repentinamente,
viu correndo uma menina
que estava tomando banho
ao pé de uma colina.

--- Vou te pregar neste instante
um susto descomunal
é que os punhos de meu pai
tem um hábito infernal
de destroçar o indivíduo
que tente me fazer mal.

--- Seu pai se não for valente
é pelo menos ousado,
meu punho também é rijo
e quando solicitado
jamais o vi se negando
de dá conta do recado.

Ambos seguiram no poltro
galgando a orla do rio,
ela segurava firme
naquele tronco sadio
sentia tal sensação
que causava calafrio.

Ela que nunca sentira
igual aproximação
ficara tão excitada
que esfriara o coração
porém usou nervo firme
e não deu demonstração.

Pararam em frente ao alpendre
saltaram rapidamente,
Lucinda um pouco assustada
entrou repentinamente,
disse: --- Papai há um moço
que quer lhe falar urgente.

Bezerra ao chegar com um cão
disse --- Bom dia, indecente;
o rapaz lhe respondeu:
--- Até o momento presente
não tenho qualquer notícia
de que eu seja seu parente.

--- Não estou pra brincadeiras
nem aqui as admito
respondeu o coronel
com um semblante esquisito
E como achou este poltro?
responda logo, maldito.

E num frêmito de pavor
Lucinda gritou da sala.
Justino lhe respondeu:
Menina ou você se cala
ou verá neste momento
soar a primeira bala.

... Meus punhos não aprenderam
fazer qualquer distinção
de homem para mulher
nem escolhem ocasião
quanto maior é a árvore
mais bela a queda no chão.

Justino movimentou-se
sem sentir qualquer receio
e disparou o revólver
cortando o cigarro ao meio
da boca de Amaral
e atingindo o alvo em cheio.

A filha do coronel
aplaudiu com alegria
por sua sagacidade
e o senso de pontaria;
o coronel o encarava
e Amaral somente ria.

O coronel só pensava
em fulminar o Justino,
um passo falso que desse
ou por qualquer desatino.
Dizia: — Estou esperando
o teu momento, menino.

Seguíram de madrugada.
Num momento o coronel
viu dum treco de mufumbo
vir saindo um cascavel,
Bezerra disse a Justino:
— Vais ver quanto eu sou cruel.

O coronel então disse
ameaçadoramente:
— Menino ou tu neste instante
me agarra esta serpente
ou te mato agora mesmo
para aprender ser valente.

Justino pegou a cobra,
ao levantá-la falou:
— Um teste como este aqui
o senhor nunca provou
e nos pés do coronel
a dita cobra jogou.

Aí Justino falou
com o revólver apontado:
— Se o senhor vacilar
já estará liquidado
pegue esta serpente agora
se quer provar que é ousado.

O coronel vacilou
vendo iminente o perigo
viu cortada a vaidade
porém temeu o castigo
Diz Justino: --- Brevemente
prestarei contas contigo.

... Parece que tu perdestes
teu tempo anteriormente
lendo folhetos em que
só o mocinho é valente
porém na vida real
é tudo bem diferente.

Uns com os outros comentavam
de Justino a atitude,
outros diziam: --- Talvez
que Bezerra agora mude
porque este ao que parece
sabe domar cabra rude.

Assim era comentário
por cima de comentário.
Justino chegou à casa
de um sexagenário
e disse: --- Talvez que este
me informe o necessário.

O velho ficou tremendo
com a visita inesperada,
Justino justificou
que ia à sua morada
tecer considerações
sobre a fazenda afamada.

Nisto aparece uma jovem
de indizível beleza,
Justino ficou estático
vendo tanta boniteza,
esta ao cumprimentá-lo
disse: --- Meu nome é Tereza.

Então o velhinho disse:
--- Meu filho por caridade
não conte nada a ninguém
porém há necessidade
que agora neste momento
lhe conte toda verdade.

... Esta fazenda foi minha
disto eu presto juramento
no entanto o coronel
tomou o meu documento
e através do fator força
me impôs este sofrimento.

Tereza fez um café
e serviu de modo agradável,
a paixão dum pelo outro
era tão indistarsável
que ela acabou dizendo:
— És um jovem admirável.

Justino disse ao velhinho:
— O senhor fique tranquilo
porque daqui por diante
nenhum momento vacilo
e o coronel Bezerra
brevemente o aniquilo.

Quando estavam desertas
tanto a casa quanto a venda
Justino falou dizendo:
— Coronel não se ofenda
mas me mostre os documentos
do dono desta fazenda.

O coronel vendo a arma
sobre o seu peito encostada
disse: — Esta fazenda é minha
diz Justino: — Não é nada
quero que você agora
me mostre essa papalada.

Travaram nesse momento
uma batalha infernal;
Justino jogou de lado
o revólver e o punhal
e disputaram no tapa
uma luta sem igual.

A luta teve sequência
os murros se sucediam,
davam baques nas paredes
que as telhas todas rangiam
as ripas se espalifavam
as frágeis portas ruíam.

Tornou-se um quadro dantesco
a casa danificada
aquela batalha lora
palmo a palmo disputada,
de objeto aproveitável
ali não escapou nada.

Quebraram móveis e vidros
brigaram uma hora e tanto;
num dado soco o rapaz
verificou com espanto
que o corpo do coronel
ficou inerte num canto.

E remexendo as gavetas
achou com facilidade
o documento e o levou
ao senhor Jonas Trindade
e disse: --- Vá tomar conta
da sua propriedade.

Todos de emoção choraram.
Depois olhando defronte
os três seguiram contentes
para o cabeço dum monte
e viram o Sol pontual
despontando no horizonte.

E Trindade advinhando
o sublime pensamento
dos jovens, perguntou logo
evitando acanhamento:
--- Por acaso já marcaram
o dia do casamento?

Os vaqueiros despertaram
todos com a mesma missão
as mesmas reses mugiam
na mesma vegetação,
a mesma imensa fazenda
porém um novo patrão. FIM



Gonçalo Ferreira da Silva escreve por genuína vocação. Suas criaturas, - homens, mulheres, animais transmitem a mensagem simples do homem do sertão que, na aventura da vida, se atirou por estas capitais do Sul e, inconfessadamente, sente a nostalgia da terra que seus pés já não tocam porque esmagada sob a capa negra do asfalto. Esta nostalgia da gente e das coisas do sertão transparece nas falas rudes, ora cheia de preciosidades das personagens de suas histórias. Gonçalo

Ferreira da Silva aprendeu a ser bom na melhor escola - a do sofrimento. - Sua origem humilde é um eterno espelho a refletir uma sabedoria que os chamados letrados, nem sempre, possuem: a ciência do bem. Seus livros comovem as almas simples, iguais a dele que perambulam desgarradas no seio bom da terra natal. Essa comunicação silenciosa que se faz através de um riso manso ou de um envergonhado embaçamento dos olhos, é o bem que Gonçalo anda fazendo. Cumprindo um destino bom que sua mãe, certamente, na sua maior sabedoria, estará agora abençoando.

Jornalista **PAULO CORREA**